

## **A(s) masculinidade(s) torcedora(s)**

### **Uma análise discursiva do imaginário dos cantos da torcida do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre**

#### **The masculinity(ies) among football fans**

#### **Discursive analysis of the imaginary on chants of the Grêmio Foot-Ball Porto Alegre supporters**

***André Iribure Rodrigues***

*Professor Associado da Fabico/UFRGS, Professor PPGCIN.*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre (RS), Brasil.*

***Soraya Bertoncello***

*Doutoranda e Mestra no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).*

*PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre (RS), Brasil.*

#### **Resumo**

O futebol permite observar como os indivíduos envolvidos no jogo – atletas, torcida, etc. – se sentem, enxergam e percebem o mundo ao seu redor. O presente artigo tem como objetivo identificar os imaginários de masculinidades expressos nos cantos da torcida do Grêmio, clube de futebol de Porto Alegre. Para tanto, foi feita uma observação in loco dos cantos e, a partir da

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.386>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 52, p.269-287, jan./abr. 2024

Análise Discursiva de Imaginários e do levantamento teórico sobre gênero e masculinidades, foi possível confirmar que as músicas entoadas pelos gremistas privilegiam uma masculinidade hegemônica e heteronormativa, que deprecia o rival usando termos homofóbicos, valoriza o consumo de álcool, o regionalismo e o pertencimento ao clube. Apesar disso, os cantos também valorizam a homoafetividade entre torcedores do mesmo clube, celebrando a alegria, o amor, a festa e a união.

**Palavras-chave:** Masculinidade. Futebol. Torcedores. Imaginário. Grêmio.

## Abstract

Football allows to observe how the individuals involved in the game - athletes, fans, etc. - feel, see and perceive the world around us. This article aims to identify the imaginary of masculinity expressed in the chants of the fans of Grêmio, a football club from Porto Alegre. An on-site observation of the songs was made and based on the Discursive Analysis of Imaginaries and a theoretical survey on gender and masculinities, it was possible to confirm that the songs sung by the Grêmio fans privilege a hegemonic and heteronormative masculinity, which depreciates the rival using homophobic terms, values alcohol consumption, regionalism and belonging to the Club. Despite this, the songs also value homoaffectivity between fans of the same club, celebrating joy, love, celebration, and unity.

**Keywords:** Masculinity. Football. Supporters. Imaginary. Grêmio.

## Resumen

El fútbol permite observar cómo los individuos que participan en el juego (atletas, aficionados, etc.) sienten, ven y perciben el mundo que les rodea. Este artículo tiene como objetivo identificar el imaginario de masculinidad expresado en los cánticos de los hinchas del Grêmio, club de fútbol de Porto Alegre. Para ello, se realizó una observación *in situ* de las canciones y, a partir del Análisis Discursivo de Imaginarios y un levantamiento teórico sobre género y masculinidades, se pudo constatar que las canciones cantadas por los hinchas del Grêmio privilegian una masculinidade hegemónica y heteronormativa que desprecia al rival utilizando términos homofóbicos, valora el consumo de alcohol, el regionalismo y la pertenencia al Club. Pese a ello, las canciones también

valoran la homoafectividad entre aficionados de un mismo club, celebrando la alegría, el amor, la celebración y la unidad.

**Palabras clave:** Masculinidad. Fútbol. Aficionados. Imaginario. Grêmio.

## Introdução

Considerado pelo sociólogo argentino Pablo Alabarces (1996) o maior fenômeno de comunicação de massas do mundo, o futebol – em especial, aquele de matriz espetacularizada<sup>1</sup> (DAMO, 2005) – é um importante marcador da cultura brasileira. Roberto DaMatta (1982), que interpreta o futebol a partir dos conceitos de *drama* e *ritual* – modos como, segundo o autor, uma sociedade conta a sua história –, indica a importância de buscar compreender a função social da modalidade, salientando que, ao fazê-lo, muitas tensões sociais virão à tona, tensões estas que “são os problemas da nossa própria sociedade, daí a dificuldade em percebê-los e discuti-los” (DaMATTA, 1982, p. 22).

O futebol transcende a dinâmica esportiva: é um fenômeno que abarca multidões de fanáticos dispostos a investir muito na sua paixão, um grande negócio que gira milhões na compra e venda de atletas, nos direitos de transmissão e imagem e no consumo dos adeptos/torcedores de bens e serviços. Conforme o último “Levantamento Financeiro dos Clubes Brasileiros” (2023), da consultoria Ernst & Young Brasil, a receita total dos clubes brasileiros em 2022 foi de R\$8,1 bilhões, sendo R\$6,0 bi a receita sem transferências de jogadores. No contexto econômico do futebol espetáculo, já é possível perceber a desigualdade de gêneros: a Copa do Mundo de mulheres de 2023 distribuiu US\$ 150 milhões para as participantes. Apesar de o valor ser três vezes maior do que a edição anterior, em 2019, ainda é muito abaixo do valor pago às seleções masculinas que disputaram a Copa do Qatar em 2022: US\$ 440 milhões (MURAD, 2023).

Uma das razões para a desvalorização do futebol praticado por mulheres é a iniciação tardia na modalidade. Conforme Arlei Damo (2005), as meninas costumam começar sua prática nos clubes por volta dos 15 anos, idade na qual os meninos já estão na transição entre os ciclos de formação para a atuação

---

<sup>1</sup> De acordo com Arlei Damo (2005), o futebol de matriz espetacularizada caracteriza-se por três particularidades principais: a organização globalizada e centralizada na FIFA e suas afiliadas – confederações e federações –; a divisão social do trabalho dentro e fora de campo, com uma distinção clara entre profissionais (atletas, imprensa, dirigentes etc.) e assistentes (torcedores); e a exigência – de fora para dentro – de uma excelência performática, mediada pelos interesses do público, dos dirigentes, dos críticos e dos patrocinadores.

profissional, tendo vencido as etapas de aprendizagem e boa parte da formação. Ainda, de acordo com o relatório “Impactos do Futebol Brasileiro”, realizado em 2018 pela CBF, naquele ano, o país tinha, registrados no sistema da Confederação, 360.291 atletas (entre profissionais e amadores), sendo 347.487 do gênero masculino e apenas 12.804 do gênero feminino.

Ironicamente, o futebol é uma das poucas instâncias que permite uma manifestação de afeto entre homens. Apesar de ser um contexto que exalta a virilidade e permissivo com a violência simbólica e até mesmo física, os torcedores cantam, sem nenhum constrangimento, sobre amor eterno ao seu time do coração e aos atletas de suas equipes. Por isso, Damo (2005, p. 395) define o futebol como um

[...] processo ritual, de homosociabilidade masculina, tão intensa e carregada de afetividade que a condição de heterossexuais dominadores tem de ser afirmada e reafirmada, a caminho e depois dentro do estádio; uma modalidade de afirmação dada pelo ângulo da aversão aos outros.

Neste contexto de desigualdades de gêneros, tanto entre os que atuam – atletas, profissionais de imprensa... – quanto entre os que assistem e torcem, nos interessa identificar como as hegemonias masculinas heterossexuais se manifestam na manutenção das relações de poder sobre os espaços possíveis de negociação em relação ao que escapa da norma. Para tanto, escolheu-se trabalhar os cantos da torcida do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegre<sup>2</sup>.

As formas de torcer, expressas nos cantos, rituais, performances, entre outros, têm um caráter primordialmente comunicacional: ao analisar os cantos da torcida, buscamos desentranhar o comunicacional na observação de um fenômeno social (BRAGA, 2011). Os cantos de torcida constituem relatos sobre uma existência social – o *ser torcedor* – e se produzem em um espaço que legitima insultos e violências. Analisar esses cantos, portanto, permite a observação de uma série de imaginários e representações que circulam na sociedade em geral. Aqui, nos interessa identificar como são representadas, nos cânticos da torcida, as construções sobre gênero e sexualidade. Parte-se do pressuposto de formas de regulação e manutenção de privilégios da norma heterossexual em relação ao que tensiona as construções de sexo e gênero dissidentes. As formas de disputa de poder com o que foge à norma permitem demonstrar como se estabelecem as estratégias de manutenção de hegemonias. Muitas – pode-se adiantar – historicamente partem de práticas de homotransfobia, sexismo e racismo, o que se busca identificar na leitura dos objetos deste texto.

---

<sup>2</sup> Doravante, apenas Grêmio.

O objetivo deste artigo é identificar as construções de imaginários de masculinidades hegemônicas presentes nos cantos da torcida gremista. Adotamos a proposta de Silva (2019, p. 97), na qual o imaginário é “uma narrativa inconsciente ou uma ficção subjetiva vivida como realidade objetiva cuja formação ou cristalização permanece encoberta exigindo um descobrimento”.

A fim de embasar a discussão, traremos um breve referencial teórico sobre gênero, sexualidade e masculinidades, adotando conceitos de Scott (1995), Connell (1995), Kimmel (1998) e Butler (2003). Também nos apoiaremos em autores que tragam o diálogo entre masculinidades e futebol, discutindo esse esporte enquanto um fenômeno que ultrapassa um conjunto de práticas desportivas e concentra hegemonias demarcadas nas heterocisnormatividades em constante disputa com o que escapa de tais normas, tais como Bandeira (2010), Archetti (2003), Alabarces (2012; 2018) e Bundio (2018).

O corpus está composto de dez músicas cantadas pela torcida do Grêmio, apreendidas presencialmente, durante quatro jogos disputados em 2023 nos quais o time teve o mando de campo. A partir da organização desse corpus, utilizou-se como metodologia de análise a Análise Discursiva de Imaginários (A.D.I.), identificando Tópicos Emergentes (T.E.s) nas músicas que, em seguida, foram organizados em categorias para facilitar a leitura e a análise do conjunto de cantos.

### **Gênero, sexualidade e masculinidades**

As relações de gênero, ao mesmo tempo que desafiam, mobilizam estudos sobre fenômenos que demonstram as desigualdades nas práticas relativas a identidades sexogendéricas. Tributários ao movimento feminista do início do século XX, os movimentos negro e gay da década de 1970 contribuíram na reivindicação política por igualdade, bem como chegam à academia para que estudos em diversos campos possam contribuir para identificar as formas nas quais hegemonias demarcam formas de violência na manutenção de privilégios construídos social e historicamente.

A partir de Joan Scott (1995), podemos compreender gênero não apenas como uma construção social, mas como uma forma de constituição de relações sociais surgida a partir das diferenças percebidas entre os sexos que, por sua vez, se constituem no interior das relações de poder e dominação. A autora assevera que “as identidades subjetivas são processos de diferenciação e de distinção, que exigem a supressão de ambiguidades e de elementos de oposição, a fim de assegurar (criar a ilusão de) uma coerência e (de) uma compreensão comum” (p. 82).

No mesmo caminho, Judith Butler (2003) afirma que a sexualidade é controlada por meio do policiamento e da vergonha do gênero; ou seja, meninos são ensinados a “não fazer coisas de menina” – como brincar de bonecas. Geralmente, eles são incentivados desde a infância a fazer coisas “de menino”, tais como a prática de esportes como o futebol e lutas. De acordo com a autora, o gênero produz uma falsa noção de estabilidade na qual a matriz heterossexual está amparada. Essa manutenção se dá por meio da performatividade de gênero, ou seja, a noção de que sexo e gênero são discursivamente criados, e a repetição de atos, gestos e signos reforça a construção de corpos masculinos ou femininos.

As noções de masculinidades variam de uma cultura para outra e nos diferentes momentos históricos (KIMMEL, 1998). Ou seja, não é possível abordar “masculinidade” no singular, como uma constante universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos que estão em contínua mudança. Para Connell (1995, p. 188), “masculinidade” pode ser entendida como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”.

O futebol segue um universo em que a masculinidade hegemônica encontra espaço privilegiado de manifestação. Para Connell e Messerschmitt (2013), a masculinidade hegemônica é compreendida como um padrão de práticas que perpetua desigualdades nas construções de gêneros, ao proporcionar privilégios de homens heterossexuais brancos, historicamente construídos e reconhecidos, em detrimento de outras práticas de gênero. É uma masculinidade normativa que exige a subordinação das outras expressões de masculinidades. Ela está baseada em práticas de gênero que são socialmente aceitas, estabelecendo posições de dominantes e dominados, sempre em constante disputa.

Voltando a Connell (1995), a autora identifica, ainda, três outros padrões de masculinidade: a masculinidade subordinada, em que há a subordinação de um grupo de homens a outro – por exemplo, a subordinação de homens homossexuais em relação aos heterossexuais –; a masculinidade cúmplice, em que sujeitos se identificam com a masculinidade hegemônica e usufruem dos privilégios dessa hegemonia de gênero, mas sem se apropriarem totalmente de tais privilégios, mesmo sensibilizados às desigualdades sofridas por suas esposas, mães e filhas, objetivadas em situações de assédio sexual, misoginia, entre outras violências físicas e simbólicas; e a masculinidade marginalizada, que se refere às diferentes relações entre classes ou raças que atravessam as construções de gênero, como homens negros que entram em disputa com a hegemonia masculina branca.

Kimmmel (1998, p. 105, grifo nosso) destaca que as masculinidades

(...) são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações de homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade etc.). Assim, dois dos elementos constitutivos na construção social de masculinidades são o *sexismo* e a *homofobia*.

Scott (1995, p. 82) traz a oposição ao feminino como constituinte do masculino: “a ideia de masculinidade repousa na repressão necessária de aspectos femininos – do potencial do sujeito para a bissexualidade – e introduz o conflito na oposição entre o masculino e o feminino”. Pierre Bourdieu (2002)<sup>3</sup> fala não apenas em uma oposição, mas dominação do “masculino” sobre o “feminino” (e, aqui, o uso das aspas é para indicar que podemos pensar também em dominação de uma masculinidade sobre a outra) como resultado de uma série de violências cotidianas, exercidas principalmente por formas simbólicas, executada por dominadores e legitimada pelos dominados. Ou seja, tais violências simbólicas são vistas, pelo dominado, como algo natural, que não precisa ser justificado. Assim a dominação é reproduzida por dominantes e dominados, uma vez que as estruturas históricas da ordem masculina são incorporadas sob a forma de *habitus* – uma forma inconsciente de percepção que determina quais atitudes são adequadas para cada um dos polos. Isso aponta possibilidades de leituras sobre práticas construídas socialmente que mantêm privilégios, vigiam e punem, o que tensiona a norma por meio da violência como estratégia de regulação. Por exemplo, torcedores gays reproduzindo cantos homofóbicos nas arquibancadas. Considerando um contexto de oposição, a masculinidade hegemônica se apoia na repulsa pelo seu oposto. Para se manterem no poder, os homens precisam constantemente se afirmar perante seus pares – o que auxilia a problematizar as manifestações de violência que reproduzem cânticos agressivos.

O estádio de futebol, lugar que exerce pedagogias (BANDEIRA, 2010), é, portanto, um espaço que reforça a masculinidade cis heterossexual, oprimindo outras construções identitárias de gênero e sexo. Assim como a escola, o trabalho e até mesmo muitas famílias, os estádios são espaços de socialização nos quais a masculinidade hegemônica aparece como figura central.

---

<sup>3</sup> Reconhecemos a perspectiva estruturalista de Pierre Bourdieu e compreendemos a crítica pós-estruturalista adotada pelos estudos de gênero, nos quais podemos situar as autoras mencionadas anteriormente. Entendemos, porém, que o conceito de violência simbólica e reprodução de violências por dominados que o autor traz colabora com a pesquisa sem necessariamente causar ruído com os demais autores. Os estudos de gênero dialogam com as formas de regulação, em que a norma é tomada como referência para um processo de estranhamento e ressignificação do que está à margem/fora da norma.

## Masculinidade hegemônica e o futebol

Para Alabarces (2018), o futebol não deveria ser enxergado como um reflexo da sociedade, pois uma cultura tão masculina não pode refletir uma sociedade na qual a maioria das pessoas não é homem. De fato, conforme o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), as mulheres representam hoje, no Brasil, 51,5% da população. Além disso, os dados do IBGE não consideram as possibilidades de construções de identidade de gênero e sexo que complexificam um cenário de minorias que não são minorias quantitativas, mas relações de poder construídas sócio-historicamente. Enquanto avançamos em conquistas de direitos para grupos marginalizados, como mulheres, LGBTQIA+<sup>4</sup>, pessoas racializadas etc., o futebol permanece um espaço em que pouco se progride no debate dessas questões. Os estádios ainda são lugares – em que se pese a presença cada vez maior de mulheres, de movimentos de torcidas progressistas e de campanhas institucionais de combate aos diversos preconceitos – em que os cantos homofóbicos estão legitimados, o racismo é pouco enfrentado, o assédio é tolerado e diversas violências – físicas e simbólicas – são encaradas como “algo do jogo”.

Archetti (1985) afirma que, no futebol, encontramos uma série de símbolos que ajudam os indivíduos a pensar e categorizar suas relações sociais, e que isso tem consequência nas maneiras como os atores sentem e percebem o mundo ao seu redor. O pressuposto de que, por meio do futebol, é possível analisar e compreender aspectos da realidade social, implica que atores envolvidos no esporte – torcedores, atletas, mídia etc. – sejam capazes de comunicar, por meio de suas práticas, uma visão de mundo e noções de valores.

Desde muito cedo em suas vidas, os homens têm no futebol um ritual de socialização (BUARQUE DE HOLLANDA, 2008), que conta com o apoio da família, de amigos, da escola e de outros núcleos sociais. As meninas/mulheres, porém, não são estimuladas a gostar ou ter curiosidade pelo futebol e, não raro, as que fogem a essa regra são vítimas de preconceito.

Por óbvio, são diversas as masculinidades que coexistem em uma torcida dentro de um estádio de futebol (SILVA, 2014; BANDEIRA, 2010). As formas de viver as masculinidades devem ser atravessadas por

---

<sup>4</sup> Tendo em vista os constantes desdobramentos e as diversas construções de identidades de gênero e sexo, este artigo utilizará a sigla LGBTQIA+, referente a lésbicas, gays, bissexuais, queer, intersexo, assexual ou agênero e o + (mais) para outras possibilidades de construções pela ótica do desejo sexual e da performatividade de gênero. Denílson Lopes (2001) e Leonardo Mozdzenski (2020) consideram equivalentes, apesar de suas especificidades semânticas, os termos comunidade LGBT, população sexodiversa, público sexodissidente, dissidências sexogênicas e variações dessas expressões.

outros marcadores sociais como sexualidade, identidade étnico-racial, classe, idade etc. Entretanto, Bandeira e Seffner (2013) sublinham que as masculinidades mais valorizadas no futebol são aquelas que engrandecem atributos como a coragem e a virilidade – características comuns nas representações de masculinidades heroicas e esportivas.

Archetti (2003) assevera que, em contextos eminentemente masculinos – como o futebol –, “os outros” relevantes são homens – distintos tipos de homens. Nesse sentido, Alabarces (2012) e Bundio (2018) entendem que, no futebol, a polarização se dá a partir da dicotomia homens-não homens: “Os cantos, através do uso da linguagem e de símbolos, colocam em relação um conjunto de ideias, imagens, sentimentos, valores e estereótipos próprios de um mundo de homens” (BUNDIO, 2018, p. 201).

### **Metodologia e construção do *corpus* da pesquisa**

Para identificar e analisar os imaginários de masculinidades presentes nos cantos da torcida do Grêmio, foi utilizada a Análise Discursiva de Imaginários, método proposto por Silva (2019) derivado da sociologia compreensiva. A A.D.I pretende cercar o objeto em análise, desconstruindo-o e removendo as camadas que o recobrem, como em um processo arqueológico: “a primeira abordagem deve cercar o objeto analisado para ver o que foi coberto, como foi, recoberto, o que pode ser, descoberto” (SILVA, 2019, p. 100). A metodologia oferece ferramentas para analisar discursos ou seus fragmentos, a partir de Tópicos Emergentes (T.E.), “essas pontas de icebergs que emergem do discurso como pistas dos imaginários encobertos” (p. 101). O diálogo com o discurso analisado tende a fazer emergir essas categorias recorrentes capazes de permitir o mergulho no objeto.

O imaginário e a comunicação se interligam em diversos âmbitos, um *faz parte* do outro, mas um não é o outro. O imaginário é uma construção, permeada de vivências, sensibilidades, repertórios etc. Diferente do que o termo possa sugerir, o imaginário não é oposto ao real, mas sim uma projeção ou introjeção (SILVA, 2006) do real, uma relação entre consciente e inconsciente gerando uma manifestação de compreensão mútua entre aqueles que o compartilham. O imaginário, segundo o francês Michel Maffesoli (2001, p. 75), é “o estado de espírito de um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transformação”. Ou seja, para Maffesoli, o imaginário é como um sentimento coletivo que perpassa a racionalidade. Ao considerar esta pesquisa, o imaginário pode ser apreendido nas características

apontadas como “masculinas” nos cantos analisados. Adjetivos, hipérboles, metáforas, comparações, jogos de palavras... Todo imaginário é discurso e contém traços que nos permitem desvelar os sentidos atribuídos, que contribuem para a cristalização de visões de mundo.

A A.D.I apresenta-se como uma metodologia interessante para a análise dos cantos da torcida uma vez que está adequada “ao princípio hologramático pascalino/moriniano: o exame da parte deve ser capaz de indicar ou sugerir o desvelamento do todo” (SILVA, 2019, p. 104-105). Ou seja, ainda que não se esteja fazendo uma análise de absolutamente todas as músicas entoadas em todas as partidas do Grêmio, o recorte que compõe o *corpus* da pesquisa permitirá o desvelamento dos imaginários acerca de masculinidades que se buscam identificar.

Para tanto, durante quatro jogos que o Grêmio disputou como mandante em 2023, por meio de observação participante na Arena do Grêmio, foram escutados e anotados os cantos da torcida. O corpus desta pesquisa está composto de músicas que foram cantadas em todos os jogos observados: Grêmio (2) x Internacional (1), pela primeira fase do Campeonato Gaúcho, disputado em 6 de março; Grêmio (3) x Internacional (1), válido pelo primeiro turno do Campeonato Brasileiro, ocorrido em 21 de maio; Grêmio (3) x Cruzeiro (0), em 27 de agosto e válido pelo segundo turno do Brasileirão; e Grêmio (1) x Palmeiras (0), disputado em 29 de setembro, também pelo segundo turno do campeonato nacional. O fato de o Grêmio ter ganhado todos os jogos disputados é uma coincidência e não acreditamos que haveria uma alteração significativa no repertório da torcida em caso de derrota.

Entre cantos, gritos de incentivo, comemorações, celebrações a determinados atletas ou repúdio ao rival e à arbitragem, foram identificadas, em média, 24 manifestações por partida. Dessas manifestações, foram recortadas, para esta análise, dez músicas com letra – que não fossem apenas a repetição do nome do clube em ritmos diferentes e tenham sido cantadas em todos os jogos observados.

### **Análise dos imaginários dos cantos da torcida**

Ainda que, em sua pesquisa, Javier Bundio (2013) tenha investigado os cantos das torcidas argentinas, as definições e as características que o autor traz sobre esse gênero discursivo também servem para as músicas das torcidas brasileiras: são peças “falsificadas”<sup>5</sup>, compostas de uma base melódica –

---

<sup>5</sup> Do original, em espanhol, “*contrahechas*”.

geralmente tomada da indústria cultural – e uma letra reformulada, que se adapta para apresentar uma imagem positiva do clube, celebrar o pertencimento, insultar o rival e torcer pela própria equipe.

Na Arena do Grêmio, quem “comanda” os cantos é a Geral do Grêmio, torcida inspirada nas *barras*<sup>6</sup> argentinas e uruguaias que se posiciona na arquibancada norte do estádio, atrás do gol. Com a transferência do Olímpico para a Arena, em 2012, as torcidas organizadas do Grêmio – que, antes, ocupavam toda a arquibancada do antigo estádio – foram obrigadas a compartilhar um espaço muito menor. A Geral já era a torcida mais popular do clube na época, e o estabelecimento de um espaço único para todas as torcidas organizadas (T.O.s) terminou por confirmar sua hegemonia, de forma que os cantos da Geral são repetidos pela maioria dos torcedores no estádio e acompanhados pelas demais T.O.s. Além das vozes, os cantos são acompanhados pela banda, com instrumentos de percussão e sopro. A arquibancada norte da Arena é o setor cuja modalidade de associação é mais barata. É o único setor sem cadeiras, onde os presentes acompanham as partidas em pé, cantando sem parar.

O quadro abaixo traz a letra das músicas analisadas e os Tópicos Emergentes observados.

Letra	Tópicos Emergentes
Eu sou <i>borracho</i> sim senhor/ E <i>bebo</i> todas que vier/ Eu sou do meu tricolor/ Meu <i>único amor</i> / E dá-lhe, dá-lhe, Tricolor (x3)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• álcool;</li> <li>• localismo (<i>borracho</i><sup>7</sup>);</li> <li>• amor único.</li> </ul>
Grêmio é minha <i>alegria</i> / Minha <i>loucura</i> / É minha vida/ Libertadores, vamos vencer/ Por essa Copa/ Eu te daria minha vida, campeão/ Onde for <i>sempre vou estar</i> / Com os <i>borrachos</i> / Hoje tens que ganhar/ Que na Arena é um <i>carnaval</i> / A banda Tricolor/ que <i>te segue sempre</i> aonde for.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• alegria;</li> <li>• loucura;</li> <li>• (dar a) vida;</li> <li>• sempre estar/seguir;</li> <li>• localismo;</li> <li>• festa</li> </ul>
Eu só quero é vencer lá no <i>chiqueiro</i> e <i>que se foda a torcida do Internacional</i> / Vamos Grêmio, <i>com força</i> vamos em frente/ É o que pede a gente, uma vitória a mais/ Passam-se os anos/ Passam-se os jogadores/ Geral está presente/ <i>Não para de apoiar</i> / Por isso eu quero cantar/ (Dá-lhe, dá-lhe) Grêmio de coração/ Eu te sigo a toda parte/ Tu és sempre o campeão/ Inter te conhecemos/ Grêmio não és (sic) como tu/ <i>Colorado é tudo puto</i> / <i>Vai tomar nesse teu cu</i> .	<ul style="list-style-type: none"> <li>• alteridade (rivalidade);</li> <li>• força;</li> <li>• sempre estar/seguir;</li> <li>• homofobia</li> </ul>
Nós somos do Grêmio, o clube mais <i>copero</i> <sup>8</sup> / Somos campeões do mundo inteiro/ Vamos, tricolores, para ganhar	<ul style="list-style-type: none"> <li>• localismo (<i>copero</i>);</li> </ul>

<sup>6</sup> Nome dado às torcidas, nos países latino-americanos de língua espanhola, caracterizadas por seu fanatismo, presença constante nos jogos, protagonistas das festas nas arquibancadas pela sua performance (ALBARCES et al., 2008).

<sup>7</sup> Palavra em espanhol para “bêbado”. Devido a sua inspiração nas torcidas dos países platinos, muitas músicas cantadas pela Geral do Grêmio trazem expressões em espanhol.

<p>esta noite/ Temos que jogar pelas três cores/ <i>A imprensa nos chama de delinquentes</i> (e é verdade) / Não entendem o que o Grêmio é para a gente/ <i>Desde cedo, me ensinaram a te seguir</i>/ Uma vitória é o que pedimos para ti.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• alteridade (imprensa);</li> <li>• delinquência;</li> <li>• sempre estar/seguir</li> </ul>
<p>Vamos Grêmio me <i>apaixonei</i> por ti/ Vamos Grêmio, <i>sempre</i> vai existir/ <i>Alegria</i> de ver o tricolor/ <i>Eu te sigo sempre aonde for</i>/ E a tua gente já te demonstrou/ Que <i>copero</i> é o meu tricolor/ E o <i>chiqueiro queimado</i> já ficou/ Pela <i>banda louca</i> do tricolor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• paixão;</li> <li>• alegria;</li> <li>• sempre estar/seguir;</li> <li>• localismo (<i>copero</i>);</li> <li>• alteridade (rivalidade);</li> <li>• delinquência;</li> <li>• loucura</li> </ul>
<p>Grêmio, <i>eu te dou a vida</i>/ Tu és a <i>alegria</i> do meu coração/ Sabes, é um <i>sentimento</i>/ O que nós queremos é ser campeão/ Laia-laia-laia-laia-laia/ Grêmio, Grêmio.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• (dar a) vida;</li> <li>• alegria;</li> <li>• sentimento</li> </ul>
<p>Venho do <i>bairro da Azenha</i>/ Bairro do Monumental/ Grêmio é puro <i>sentimento</i>/ Somos a banda da Geral/ Dá-lhe, dá-lhe, tricolor/ Dá-lhe, dá-lhe, tricolor/ Dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe, tricolor!</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• localismo (Bairro da Azenha);</li> <li>• sentimento</li> </ul>
<p><i>Borracho</i>/ Pelo Grêmio <i>decidi viver</i>/ Faça tudo que puder/ Hoje temos que vencer/ Tudo que eu já deixei/ Eu não olho para trás/ <i>Sigo sempre</i> ao Tricolor/ E não me arrependo jamais/ É um <i>amor descontrolado</i>/ Que levo no coração/ Não importa o que aconteça/ Só te quero ver campeão/ Não importa o resultado/ Não importa aonde for/ Vou <i>tomando o meu trago</i>/ Com a banda tricolor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• localismo (<i>borracho</i>);</li> <li>• (dar a) vida;</li> <li>• sempre estar/seguir;</li> <li>• amor;</li> <li>• loucura;</li> <li>• álcool</li> </ul>
<p>Fui numa <i>festa</i> na Geral do Grêmio/ É lá que rola a <i>festa</i> sim senhor/ Rapazeada é puro <i>sentimento</i>/ A que mais canta pelo Tricolor/ Senti na pele aquela <i>energia</i>/ Quando entrei naquela multidão/ Eles não param em nenhum segundo/ É <i>pura alma é pura emoção</i>/ Quase no fim da <i>festa</i>/ Na <i>avalanche</i><sup>9</sup> louca você se perdeu/ No meio da <i>alegria</i>/ Não teve aquele que não <i>bebeu</i>/ E dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe Tricolor/E dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe Tricolor/ Tu vais vencer, és um campeão mundial.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• festa;</li> <li>• sentimento;</li> <li>• alegria;</li> <li>• álcool;</li> <li>• localismo (avalanche)</li> </ul>
<p>A vida passa, eu telefono/ E você já não me atende mais/ Grêmio, Grêmio/ Será que já não temos tempo/ E nem coragem de dialogar? / Grêmio, Grêmio/ Ainda ontem pela praia, alguma coisa me lembrou você/ Grêmio, Grêmio/ E veio a noite/ Namorados se encontrando/ E eu estava só/ Grêmio, Grêmio/ <i>Vamos ser outra vez nós dois</i>/ Vai chover <i>pingos de amor</i>/ Laia-laia-laia-laia-laia/ Grêmio, Grêmio/</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• paixão;</li> <li>• amor único</li> </ul>

**Quadro 1:** Cantos analisados e seus Tópicos Emergentes

**Fonte:** os autores

<sup>8</sup> Outra expressão de origem platense, *copero* é o time que ganha copas (taças). Atualmente, a expressão já se difundiu entre os torcedores de diversos times brasileiros.

<sup>9</sup> Comemoração inspirada nas torcidas uruguaias e argentinas e adotada pela Geral do Grêmio no começo dos anos 2000. No momento do gol, a multidão atrás do gol descia correndo as arquibancadas do Estádio Olímpico, se aglomerando no primeiro degrau. Já na Arena, logo na sua segunda partida, em 2013, o alambrado cedeu durante uma avalanche. O clube, então, instalou barras “anti-avalanche” no único setor sem cadeiras da Arena, terminando de vez com a comemoração.

Entre as músicas analisadas, foi possível identificar 14 Tópicos Emergentes, aos quais propomos uma sistematização em torno de quatro categorias, conforme o quadro abaixo:

Tópico Emergente	Número de menções	Categoria
Álcool	3	Festa
Amor único	3	Sentimento
Alegria	4	Festa, Sentimento
Loucura	3	Festa, Sentimento
(Dar a) Vida	3	Pertencimento
Localismo	6	Pertencimento
Sempre estar	5	Pertencimento
Festa	2	Festa
Alteridade	3	Pertencimento, Violência
Força	1	Violência
Homofobia	1	Violência
Delinquência	2	Violência
Paixão	2	Sentimento
Sentimento	3	Sentimento

**Quadro 2:** Categorização dos cantos

**Fonte:** os autores

As categorias que evidenciam questões positivas do torcer, como a festa, o amor, a paixão e o pertencimento, aparecem em maior quantidade. Entretanto a violência também tem lugar. As categorias ajudam a enxergar os grandes eixos abordados nos cantos, mas não devem ser entendidas como estanques, e os Tópicos abordados por cada uma muitas vezes se entrelaçam. Da mesma forma, um único Tópico Emergente pode ser enquadrado em mais de uma categoria.

Na categoria “Festa”, colocamos os Tópicos que se relacionam com a alegria de ser torcedor, de estar em um ambiente de celebração à história do clube, em que há música e os torcedores encontram os seus pares. A respeito do T.E. “álcool”, que aparece em três músicas, em todas suas citações está associado a felicidade e comemoração (poderia ser associado, por exemplo, a brigas de torcida, mas isso não aparece

nas músicas). De acordo com Alabarces (2012, p. 78-79), “o consumo de drogas e álcool também organiza a masculinidade. (...) Os vícios funcionam como sinal de prestígio, porque colocam o viciado no mundo masculino”.

“Sentimento” é uma categoria que se aproxima de “Festa” pela questão da alegria. Obviamente os sentimentos expressos nos cantos são positivos: paixão, felicidade, “pura alma, pura emoção”. As demonstrações de afeto dos torcedores pelo time “são incomuns na maioria dos contextos de nossa cultura heteronormativa” (BANDEIRA, 2010, p. 349). Entretanto a relação de afetos se dá entre os iguais, torcedores do mesmo time, que agem conforme os mesmos códigos daquele ambiente. O carinho/admiração se dá por outro que seja igualmente pertencente à masculinidade aceita no ambiente do torcer. É relevante observar, também, que as demonstrações de homoafetividade aceitas estão sempre resguardadas pelo coletivo: o afeto individual entre dois homens não acontece de forma alguma, pois a masculinidade hegemônica performada pelos torcedores sempre se mantém distante de qualquer coisa que possa fragilizar a ideia de uma virilidade heterossexual.

Por “Pertencimento”, entendemos aqueles Tópicos Emergentes que fazem referência a dar a vida pelo clube / o clube ser a vida do torcedor, bem como a ideia do torcedor que vai estar sempre presente junto ao seu time do coração – noção muito presente nas músicas analisadas, estando em cinco de dez cantos. Inclusive, a ideia de estar sempre presente aparece até mesmo no hino do Grêmio, “com o Grêmio, onde o Grêmio estiver”. “Pertencimento” é, ainda, uma categoria que pode estar bastante próxima a “Sentimento” ao considerarmos o peso da paixão clubística no entender-se parte de algo de cada torcedor. “Não por acaso se diz que os clubes são do coração, o *topos* corporal no qual se representam as emoções, e os distintivos dos clubes estão fixados do lado esquerdo do peito” (DAMO, 2001, p. 87). A categoria também dialoga com a categoria “Festa”: para Maffesoli (2014, p. 109) o pertencimento é “o desenvolvimento do festivo ou do lúdico”. As expressões que se originam do espanhol, como o *borracho* ou *copero*, são entendidas como pertencimento, uma vez que podem ser lidas como algo próprio do torcedor gaúcho e fazem referência ao imaginário do gaúcho masculino: “gaúchos são necessariamente homens, e virilidade é condição de ser gaúcho” (LEAL, 2019, p. 44).

O tópico “alteridade” encontra-se tanto em “Pertencimento” quanto em “Violência” quando pensamos o outro “rival”. Conforme Javier Bundio (2018, p. 201, tradução nossa), “o torcer é uma performance cultural de natureza agonística que teatraliza uma imagem idealizada do próprio grupo, ao

mesmo tempo que cria uma imagem inferiorizada do outro”, ou seja, é como dizer que ser anti-Internacional faz parte do ser gremista. As representações nos cantos são sempre construídas em uma lógica excludente e polarizada, em que o “outro” vem representado como uma alteridade radical no polo negativo de todas as escalas morais que não são relevantes para os torcedores “nós”.

Por fim, a categoria “Violência” engloba os Tópicos Emergentes homofobia, força, delinquência e alteridade – aí incluindo o “outro” rival (Internacional) ou o outro “imprensa”. Se a masculinidade desejada e valorizada pelos torcedores é aquela hegemônica, cis-hétero-normativa, é claro que as identidades sexodissidentes são entendidas como algo inferior – daí as agressões homofóbicas. Aqui se faz necessário lembrar que, no contexto das torcidas, não é qualquer manifestação homoafetiva que é condenada. Como visto na categoria “Sentimento”, o afeto entre torcedores do mesmo clube não coloca a masculinidade viril dos sujeitos em risco (BANDEIRA, 2010): o problema é o outro. Especificamente sobre o Tópico Emergente “delinquência”, que aparece em duas músicas, a questão é tratada com orgulho, em “a imprensa nos chama de delinquente, e é verdade” e na menção ao “chiqueiro queimado”, uma alusão ao GreNal de 30 de julho de 2006, quando a torcida gremista ateou fogo em banheiros químicos do Estádio Beira-Rio, protagonizando uma das cenas de vandalismo mais icônicas do futebol gaúcho.

### **Considerações finais**

O futebol é um ambiente de pertencimento, em que indivíduos se tornam anônimos em meio à multidão. O anonimato resguarda atitudes de um grupo, que se sobrepõe ao individual, justificando a irracionalidade das relações humanas – independentemente da orientação sexual – de caráter violento. Somando-se isso à catarse proporcionada pelo esporte, as arquibancadas podem se tornar espaços institucionalizados para extravasar agressividade, mas também para declarar (ainda que resguardados pelo sentimento coletivo) afetos que, em outros ambientes, não seriam manifestados de forma tão entusiasmada.

O torcer tem uma linguagem própria, com códigos que estabelecem quais sentimentos podem ser expressos: “num estádio não se diz tudo o que se quer, senão que há códigos morais e estéticos relativamente precisos modulando a expressão pública dos sentimentos” (DAMO, 2005, p. 388). São tais códigos morais próprios que fazem com que os mesmos sujeitos que não se constroem ao proferir

xingamentos machistas e homofóbicos nem ao se orgulhar de ser “delinquente” e “queimar chiqueiro” cantem sobre um amor sem limite de tempo ou intensidade.

Os cantos das torcidas de futebol podem ser vistos como uma estratégia discursiva que consolida as diferenças e as desigualdades de gênero e estão inseridos em um universo em que “corpos desviantes” (BUTLER, 2003) são bem claros e conhecidos e estão sob constante estado de regulação. São raros os corpos desviantes que conseguiram ultrapassar as fronteiras da heteronormatividade dentro do futebol masculino de matriz espetacularizada. Entre o jogador inglês Justin Fashanu, que se assumiu em 1990 e cometeu suicídio em 1998, e o atleta australiano Josh Cavallo, do Adelaide United, que se declarou gay por meio de um vídeo nas suas redes sociais em outubro de 2021, duas décadas se passaram. O Brasil, que profissionalizou o futebol na década de 1930, apenas em 2024 teve o primeiro presidente declaradamente gay em um time de primeira divisão, Emerson Ferreti, do E.C. Bahia.

O torcer endossa uma masculinidade de virilidade exacerbada em detrimento de outras masculinidades, o que, além de excluir e invisibilizar mulheres e pessoas LGBT+, pode afastar dos estádios aqueles indivíduos que não se ajustam a tais expectativas, demarcando, nos atos cotidianos das torcidas, as formas violentas de exclusão e de manutenção das relações de poder. Ainda que outros futebolis sejam possíveis e exista uma diversidade maior – de gênero, raça e idade – frequentando as arquibancadas, enfrentamos o desafio – pelo menos em um futuro próximo – de problematizar e avançar em políticas públicas de educação e de limitação de normas dentro e fora de campo, judicializando regras amparadas em sociedade democrática de direito sustentadas nos direitos internacionais humanos. Assim, visam-se o tensionamento e a desconstrução das hegemonias vigentes trazidas, em parte, neste texto.

**André Iribure Rodrigues**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2234-1231>

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre (RS), Brasil*

*Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS*

*E-mail: [iribure@ufrgs.br](mailto:iribure@ufrgs.br)*

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.386>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 52, p.269-287, jan./abr. 2024

**Soraya Bertoncello**ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1980-299X>*PUCRS, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre (RS), Brasil**Doutor em Comunicação e Informação pela UFRGS**E-mail: soraya.soraya@gmail.com*

Recebido em: 10 de janeiro de 2024.

Aprovado em: 19 de fevereiro de 2024.

**Referências:**ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante**: fútbol, violencia y política. Buenos Aires: Capital intelectual. 2012\_\_\_\_\_. La violencia es un mandato. **Revista Anfibia**, 2018.\_\_\_\_\_; RODRÍGUEZ, María Graciela. **Cuestión de pelotas**: futbol, deporte, sociedad, cultura. Buenos Aires: Atuel, 1996.\_\_\_\_\_; GARRIGA ZUCAL, Jose; MOREIRA, María Verónica. El "aguante" y las hinchadas argentinas: una relación violenta. **Horizontes Antropológicos**. v. 14, n. 30, dez. 2008.ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês**: Uma história da Coligay. Santos: Dolores Editora, 2022ARCHETTI, Eduardo. "Fútbol y ethos". **FLACSO Monografías e Informes de Investigación**, v. 1 n.7, p. 71-109. 1985.\_\_\_\_\_. **Masculinidades**: fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista Brasileira de Educação**. v. 15, n. 44, p. 342-351, 2010.\_\_\_\_\_; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**. v. 14, n. 29, 2013.<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.386>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 52, p.269-287, jan./abr. 2024

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. **Verso e Reverso**, v. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011.  
Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/924>

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. **O clube como vontade e representação**: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988). 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BUNDIO, Javier Sebastián. La construcción del otro en el fútbol. Identidad y alteridad en los cantos de las hinchadas argentinas. **Cuadernos de Antropología Social**, v.47, 2018.

\_\_\_\_\_. El hinchismo como ideología radical. **Revista Kula**. Antropólogos del Atlántico Sur, v.1, n.8, p. 60-68, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e a subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Impacto do Futebol Brasileiro**. [S. l.]: Ernst & Young Sports.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

\_\_\_\_\_, MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n.1, p. 241-282. 2013.

DaMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo, ou como ter 'anthropological blues". **Cadernos do PPGAS**, 1978.

\_\_\_\_\_. **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. Futebol e Estética. **São Paulo em Perspectiva**. v. 15, n. 3, p. 82-91, 2001.

KIMMEL, Michael. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. **Horizontes Antropológicos**. n. 9, p. 103-117. 1998.

LEAL, Ondina Fachel. Os Gaúchos: Cultura e Identidade Masculina no Pampa. **Tessituras**: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 7, n.1, p. 16–47, jan./jun. 2019.

LEVANTAMENTO Financeiro dos Clubes Brasileiros 2023. [S. I.]: Ernst & Young Sports.

LOPES, Denílson. O entre-lugar das homoafetividades. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 5, n.1, p. 37-48, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

\_\_\_\_\_. O Imaginário é uma Realidade (entrevista). **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, v. 1, n. 15 p. 74-82, ago. 2001.

MOZDZENSKI, Leonardo. **Outvertising**: a publicidade fora do armário. Appris. Curitiba. 2020.

MURAD, Fernando. Copa Feminina bate recorde de patrocínio. **Meio & Mensagem**. São Paulo, 20 de julho de 2023.

PINTO, Maurício Rodrigues. Torcidas Queer e Livres em Campo: Sexualidade e Novas Práticas Discursivas no Futebol. **Ponto Urbe**. n. 14, 2014.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, 20(2), 1995.

SILVA, Kelvin Emanuel Pereira. Da coligay ao Sheik – (re)produção da homossexualidade no espaço de masculinidades: uma análise de discursos no campo futebolístico. **Oficina do Historiador** - EDIPUCRS, (Suplemento especial), 2014.

SILVA, Juremir Machado da. **Diferença e descobrimento**. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação. Porto Alegre: Sulina, 2017.

\_\_\_\_\_. **O que pesquisar quer dizer**. Porto Alegre: Sulina, 2019

\_\_\_\_\_. **As tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

*Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.*